

Hume e o feminismo

Hume and feminism

Lívia Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais
liviamguimaraes@gmail.com

Introdução

Neste ensaio, procuro apresentar o delineamento que Hume faz de diferenças de gênero, a maneira como ele o transgride e, por fim, como o abandona. Creio que, por pensar tanto dentro quanto fora dos limites de gênero e por exaltar o feminino, podemos considerar Hume, de certa maneira, autor não apenas de uma filosofia, mas também de uma utopia feminista. “Ternura” (*tenderness*) é um foco principal de sua filosofia. Segundo ela, esta é uma excelência feminina. Livre das restrições de gênero, ternura ampliada beneficia a vida pessoal, social e política. Se prevalecesse, sem oposição, na natureza humana, a ternura sedimentaria o mundo utópico imaginário de Hume.

Após examinar Hume, o homem, passo ao pensador, abordando quatro tópicos que creio fundamentais em sua filosofia e aos quais teorias feministas são sensíveis. São eles: circunstância, corporeidade, atenção e inatenção ao conceito de gênero. Minhas colocações inspiram-se nas intuições originais de Annette Baier e se propõem como um ponto de partida para futuros diálogos.

Apesar de consciente das várias importantes contribuições teóricas do pensamento feminista moderno, parece-me que o texto de Hume traz um desafio peculiar. Ao contemplarmos a tradição filosófica passada, não raro nos inclinamos à crítica e até mesmo à rejeição de autores que manifestam preconceitos de gênero em seus pressupostos e nas próprias categorias de seus sistemas; se nos dispomos ao engajamento com os autores, este vem temperado por prudente cautela.

Mas podemos dizer que Hume jamais considera a razão, senso, virtude e acesso à esfera pública como sendo privilégios ou direitos exclusivos dos homens. Seus heróis e heroínas igualam-se em excelência, pois excelência não é qualidade específica de gênero. Seu fascínio pela psicologia das paixões, e ocasional aparte humorístico diante do absurdo a que chegam as circunstâncias da existência humana, colocam-no em uma posição aberta, inquisitiva, que se

traduz em total ausência de sexismo. Sensibilidade e sensibilidade, muito mais do que gênero, comandam o melhor de sua atenção. Assim, com certa audácia, eu diria que Hume cria seu particular refúgio feminista, no século XVIII escocês.¹

1 Annette Baier

Possivelmente, o que distingue a relação entre as teorias de Hume e a teorização feminista seja o fato de que, nelas, já se encontra muito daquilo que as autoras do século XX, com imenso esforço, estabeleceram. Com a ajuda de Annette Baier em "Hume, the Women's Moral Theorist?", "Hume, the Reflective Women's Epistemologist?", *A Progress of Sentiments*, e seu extenso trabalho acerca da "confiança" (*trust*), a suspeita se fortalece.² Baier nos mostra que Hume foi ou, ao menos, poderia ter sido feminista. Quando se pensa sobre Hume e o feminismo, é preciso começar com ela.

Tomemos, por exemplo, seu trabalho sobre o conceito de "confiança". Como ela nota, muitos filósofos, embora reconheçam que se necessita de confiança mútua para a manutenção de uma sociedade, não percebem que confiança começa na relação entre a mãe (ou aquela que cuida) e a criança, que dela depende para sobreviver e bem viver. Portanto, um poderoso suporte da sociedade política repousa na mais comum e primitiva experiência humana – uma base logo esquecida pelos que se elevam às alturas da especulação política, científica e filosófica. Neste sentido inovador e inesperado, Baier contribui para que consideremos o pessoal, político. Ela deriva de origens similares outros elementos centrais da filosofia de Hume: a associação de ideias por causalidade, por exemplo, relaciona-se aos laços de família. Ademais, ela interpreta a epistemologia de Hume como sendo social e intersubjetiva, analogamente, penso, às reivindicações feministas por uma epistemologia sensível a situação, contexto, ponto de vista. Nesta mesma perspectiva, defende corporeidade, contra abstração rarefeita. Uma de suas mais notáveis colocações afirma que, para Hume, somos mamíferos, trazendo conosco todas as possibilidades e limites constitutivos desta condição.

O que se segue, segue intuições de Annette Baier. Eu gostaria, por julgá-lo apropriado, de adotar um percurso que progride da vida aos escritos de Hume.

2 Vida

¹ A bibliografia inclui: David Hume, *Tratado da natureza humana*, tradução de Déborah Danowski (São Paulo, Unesp, 2001), em referências futuras, THN. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*, tradução de José Oscar de Almeida Marques (São Paulo, Unesp, 2003), em referências futuras, EPM. *Essays, Moral, Political, and Literary*, ed. Eugene F. Miller (Indianapolis, Liberty Fund, 1987), em referências futuras, E. *The Letters of David Hume*, 2 vols., ed. J. Y. T. Greig (Oxford, Oxford University Press, 1932), em referências futuras, LDH. *The History of England*, 6 vols. (Indianapolis, Liberty Classics, 1983), em referências futuras, HofE.

² Cf. Annette Baier, *Moral Prejudices* (Cambridge, Harvard University Press, 1994), e *A Progress of Sentiments* (Cambridge, Harvard University Press, 1991).

Algumas das mais significativas personagens na vida e (como não dizê-lo?) nas aventuras de Hume são mulheres. Hume foi educado por sua mãe; em perfeita harmonia, dividiu a casa com a irmã e encontrou em Margaret Irvine uma ajudante capaz de cozinhar, para grande satisfação de Hume, algumas de suas iguarias francesas favoritas. Entre seus encontros casuais, os biógrafos narram o que se deu com uma mulher do povo, certa vez, ao escorregar em um pântano, a caminho da Cidade Nova em Edimburgo. Quando Hume lhe pediu socorro, ela, tendo-o reconhecido, respondeu-lhe que aquiesceria somente depois de ele recitar o Pai-Nosso do começo ao fim – condição à qual, obviamente, Hume humildemente se submeteu. Com bom humor, e não sem alguma razão, ele a declarou “o melhor teólogo” que havia encontrado – assim, Hume curvou-se à sagacidade feminina. Um outro episódio conta da esposa de um fabricante de velas que o visitou, em seu leito de morte, com a firme intenção de convertê-lo, salvando-o da danação eterna a que a infidelidade o condenaria. A entrevista, diz-se, teve desfecho feliz para ambas as partes: Hume fez a encomenda de um grande número de velas moldadas por seu marido. Nestas histórias, há um sentimento de fácil convívio entre Hume e mulheres comuns.

Com respeito às mulheres da nobreza, temos um indício no testamento – Hume deixou para sua irmã um legado do dinheiro, mas também cem livros de sua escolha –; livros, seria supérfluo dizer, com certeza estariam entre as mais preciosas posses para Hume. E, para ele, como se vê, uma mulher tem direito a eles. Na França e em Edimburgo, Hume cultivou amizades sinceras e correspondência regular com mulheres, nas quais confiou e cujo conselho tantas vezes pediu. Ao decidir-se sobre como agir na crise de Rousseau, tivesse ele seguido o conselho das amigas, o resultado teria sido melhor. Com seu último amor, a jovem Nancy Orde, continuamos presenciando uma relação livre e travessa. Mas é com a Condessa de Boufflers, objeto de seu amor mais profundo, que descobrimos incidentes particularmente reveladores. Uma passagem de suas cartas que me parece tocante e eloquente diz:

Among other obligations, which I owe you, without number, you have saved me from a total indifference towards everything in human life. I was falling very fast into that state of mind, and it is perhaps worse than even the inquietudes of the most unfortunate passion: how much, then, is it inferior to the sweetness of your commerce and friendship! (LDH 1. 451).

Idolatrado na França, feliz em suas amizades e em suas atividades intelectuais, Hume, nesta passagem, faz a mais apaixonada declaração de amor: “antes de te encontrar”, ele diz, “minha vida não tinha sentido”.

Hume é o amante ardente e impetuoso:

You may cut me to pieces, limb by limb; but like those pertinacious animals in my country, I shall expire still attached to you, and you will in vain attempt to get free (LDH 1.457).

É o amante submisso:

Good god, how much am I fallen from the airs which I at first gave myself! [...] now, I throw myself at your feet, and give you nothing, but marks of patience and long suffering and submission (LDH 1.459).

Have you ever had any experience of the situation of your mind, when we are very angry with the person whom we passionately love? You have, surely; can anything be more tormenting and more absurd [...] .but I then reflected, is this the person for whose welfare I would sacrifice my existence, and can I now think of taking pleasure in her pain and uneasiness? [...] the very sight of your handwriting, I own began the cure (LDH 1.462).

Softness, I beseech you, dear madam, continue to like me a little, for otherwise I shall not be able in a little time to endure myself (LDH 1.463).

É o amante pronto a se entregar completamente à amada:

I shall never, I hope, be obliged to leave the place where you dwell [...] This long absence convinces me more fully than ever before, that no society can make me compensation for the loss of yours, and that my attachment to you is not of a little or common nature (LDH 1.475).

E é o amante sonhador, fantasiando a amada, ausente, distraíndo-se, assim como ele, em diversões pastorais:

If you have been so happy, as to execute your purpose, you are almost in the same state as myself, and are at present wandering along the banks of the same beautiful river, perhaps with the same books in your hand, a Racine, I suppose, or a Virgil, and despise all other pleasure and amusement. Alas. Why am I not so near you, that I could see you for half an hour a day, and confer with you on such subjects? (LDH 1.449).

Por fim, sua descrição da condessa dota-a de excelências que incluem, como seria esperado, graças e encantos, mas igualmente de caráter e entendimento – seu perfeito ideal:

Should I meet with one in the future, in any time future, for, to be sure, I know of none such at present, who was endowed with graces and charms beyond all expression, whose character and understanding were equally an object of esteem, as her person was of tenderness; I ought to fly all company, to avoid all connection with her, even such as might bear the name of friendship; and to endeavour to forget her as soon as possible [...] I know not if it would be prudent even to bid her adieu; surely, it would be highly imprudent to receive from her any testimonies of friendship and regard, but who, in that situation, could have resolution to reject them? Who would not drink up the poison with joy and satisfaction? (LDH 1.451).

Os fragmentos acima retratam sentimentos sinceros, em uma disposição romântica, arrebatada pela paixão, temerosa da perda. Depois das mudanças na vida da condessa (devidas ao falecimento de seu esposo e consequente esperança de matrimônio com o Príncipe de Conti), Hume permaneceu um conselheiro e amigo leal. Em 20 de agosto de 1776, ele escreveu-lhe uma carta de despedida. Foi uma de suas últimas cartas, e a única delas que não tratou de negócios.

Por sua vez, a Condessa de Boufflers também provou ser uma amiga leal, reflexiva e cuidadosa. Acredita-se ter sido ela quem procurou e, inclusive, obteve a nomeação de Hume para um posto na embaixada britânica na França. Depois do retorno à Grã-Bretanha, ela quis trazê-lo de volta e fez planos para lhe proporcionar um ambiente ao seu gosto, agradável à sua disposição estudiosa. No conflito com Rousseau, pôs-se contrária à publicação do relato de Hume em defesa

própria e, a Rousseau, escreveu uma carta severa, desaprovando sua conduta. Ela não foi, e não foi vista por Hume como, uma mulher estereotipada. Findo o amor romântico (se é que isto chegou a ocorrer), permaneceram a ternura, admiração e respeito.

Após este vislumbre de Hume, o homem, como prosseguir até Hume, o pensador? Proponho, endereçando os tópicos antes mencionados: circunstância, corporeidade, gênero e não gênero.

3 Circunstância: método e resultados – corporeidade e situação

Depois de testemunharmos alguns encontros reais de Hume com mulheres, cabe agora ensaiar uma aproximação inicial a seu pensamento, partindo da perspectiva de como este trata situação, contexto e condições sociais, em uma palavra, do que, em seu vocabulário, ele denomina “circunstâncias”. Por meio delas, introduz-se a noção de que nossos juízos, crenças, paixões, agrados e desagradados dependem, em grande medida, das condições particulares e contingentes da vida humana.

Como sabemos, na introdução ao *Tratado*, Hume assume a tarefa de fundar a “ciência do homem”, ela própria, fundamento de todas as demais ciências. Hume pretende descobrir a essência da mente – seus poderes e qualidades – pelo método da observação e da experiência. O modelo é newtoniano. Em sua variação positivista, que aspira a verdades objetivas, necessárias, neutras e universais e que, desse modo, oculta o agente do conhecimento em sua situação particular e parcial, este é um método fortemente criticado por várias pensadoras feministas. Creio, contudo, que a descrição positivista não se aplica nem à ciência, nem ao método de Hume.

Sua ciência é falibilista e probabilística, ambiciona não mais do que princípios gerais, matizados com um ceticismo moderado. Quanto ao sujeito cognoscente, já na “Introdução”, ele aponta uma diferença importante entre sua ciência e a de Newton. Na filosofia moral, contrariamente à filosofia natural, não se podem realizar experiências com premeditação e exato controle das variáveis. E, dado que o realizador do experimento é simultaneamente seu objeto, a mera consciência desta condição altera o comportamento observado.

Além disso, o método consiste em um conjunto diverso de estratégias investigatórias, que muito ultrapassa sua descrição sumária inicial. Experimentar, para Hume, consiste em uma prática rica e variada. Em alguns casos, as experiências realmente ocorrem, enquanto, em outros, são apenas imaginadas. Algumas são irrealizáveis, ou inconcebíveis – o que, em si, já é instrutivo. A investigação moral de Hume acolhe conteúdos das mais diversas fontes: da tradição poética e literária – a poesia de Ovídio, de Horácio e de Homero, a tragédia de Eurípides, e mesmo fábulas não contribuem menos para a sua ciência do que as teorias dos filósofos e, entre estes últimos, os antigos não valem menos que os modernos. Outros exemplos são a vida familiar, fatos históricos, análises conceptuais, analogias, experiências de pensamento, contrafatuais e memórias pessoais. Assim, a ciência experimental do homem não apresenta um método unificado.

Pode-se quase dizer que a escolha de seus componentes obedece, pelo menos em parte, ao gosto e inclinações idiossincráticas do praticante.

O que é verdadeiro do método aplica-se também aos resultados. Hume não demonstra inabalável certeza de que a política, por exemplo, admite verdades gerais e pode ser reduzida a uma ciência. Mas algumas coisas ele sabe, com forte certeza: a longa e indefesa infância dos seres humanos exige a combinação dos pais para a subsistência da prole; se as condições da vida humana fossem diferentes, a prática da justiça poderia ser desnecessária; ao princípio geral que afirma que a natureza humana não pode subsistir sem a associação dos indivíduos e que, a fim de coordenar suas ações em proveito do bem comum, é necessária a existência do governo, Hume aduz a observação de que a humanidade, todavia, constitui as mais diversas sociedades, com os mais diversos fins (EPM 4). Os exemplos proliferam: repúblicas favorecem o progresso das ciências, e monarquias, o das artes (EPM 6, e "Da origem e progresso das artes e ciências"); a Inglaterra, onde a vida doméstica prevalece, valoriza antes o útil, mas a França, onde a vida social tem predominância, dá maior valor ao agradável (EPM 8).

Também, segundo o ponto de vista de Hume, raramente julgamos as coisas por seu valor e mérito intrínsecos. Isto se aplica aos objetos materiais (mais valiosos, se raros), à dor e à doença (que, por serem comuns a todos, não causam orgulho e humildade nos jovens, enquanto os causam nos anciãos e em sofrendores de doenças contagiosas e geneticamente transmissíveis), aos objetos de estima (menos apreciados, se se apresentam em grau de perfeição menor do que aquele a que se está habituado), à estimativa que se faz da própria felicidade ou miséria (susceptível à comparação com os outros), à força e vividez de uma ideia (tendo uma vantagem sobre o que aparece em uma luz obscura), à influência superior da contiguidade, e assim por diante.

Mas a influência de circunstâncias particulares não é sempre obscurecimento do valor intrínseco. A virtude da coragem, Hume observa, é muito mais admirada em sociedades incultas, e, nas cultivadas, a beneficência, justiça e as virtudes sociais colocam-se acima dela (EPM 7). E, acrescento, é assim mesmo que deve ser. Na segunda *Investigação*, Hume pergunta o que é mais valioso:

se uma compreensão rápida ou outra mais demorada; se alguém que pode avançar muito em um assunto já à primeira vista, mas nada consegue realizar por meio do estudo, ou uma personalidade oposta, que progride em tudo apenas à custa de muito esforço e aplicação; se um cérebro claro ou uma invenção copiosa; se um gênio profundo ou um julgamento infalível; quando se pergunta, em suma, qual caráter ou traço peculiar do entendimento é superior a outro[...].

Sua resposta:

[...] é evidente que não podemos responder a nenhuma dessas questões sem considerar qual dessas qualidades capacita melhor uma pessoa para viver no mundo e a leva mais longe em qualquer empreendimento (EPM 6.17).

Os costumes, as situações e os acidentes alteram *verdadeiramente* a utilidade e o mérito das qualidades. Nas palavras de Hume:

Aquele que possui os talentos e as habilidades que convêm a seu *status* e profissão será sempre digno de maior estima do que outro a quem a fortuna prejudicou ao atribuir-lhe seu quinhão. As virtudes privadas ou voltadas para o interesse próprio são, nesse aspecto, mais arbitrárias do que as de natureza mais pública. Em outros aspectos, elas são, talvez, menos expostas à dúvida ou controvérsia (EPM 6.20).

Ainda mais radicalmente, defeitos, quando associados a qualidades, podem deixar de ser defeitos. Dois exemplos da *História de Inglaterra*, onde tais valorações e desvalorações complexas ocorrem com frequência: a constância, às vezes, confere um certo peso a medidas erradas (HofE 2.29); a avareza é sinal de uma mente não estreita, quando suas aquisições são pretendidas por serem instrumentais “para se alcançar maior grandeza e poder futuros” (HofE 2.54). Inversamente, como vimos, qualidades, nas circunstâncias erradas, no mínimo, perdem um pouco do seu valor. Por fim, em um grande número de questões, é impossível aspirar-se a um padrão universal: o gosto sempre diferirá, devido aos humores diferentes de pessoas particulares e às diferentes maneiras particulares de seu lugar e tempo (E, “Do padrão do gosto”).

Há, contudo, exceções. Segundo Hume, à “discrição, cautela, iniciativa, diligência, assiduidade, frugalidade, economia, bom senso, prudência, discernimento” não se pode jamais negar “louvor e aprovação”. Do mesmo modo, à “temperança, sobriedade, paciência, constância, perseverança, providência, cortesia, reserva, método, persuasão, decoro, presença de espírito, rapidez de compreensão, facilidade de expressão” não se negará o título de “excelências e perfeições” (EPM 6.21). Para Hume, certamente, muito é relativo – mas não tudo.

Ao considerar circunstâncias, o pensamento de Hume passa, necessariamente, a se mover em meio a homens, mulheres, governantes, governados, crianças, jovens, anciãos, cidadãos, camponeses, senhores, servos, escravos, nacionais, estrangeiros, parentes, pais, amigos, amantes, etc. Isso significa, mais uma vez, como já vividamente apontado por Annette Baier, que seu pensamento retorna à corporeidade.

As mulheres estão entre os interesses e atores principais no mundo que Hume esboça e que inclui seus papéis, seus cuidados e suas disposições. O amor romântico é a última paixão a que se dedica o livro 2, parte 2 do *Tratado*. O amor sexual e o amor da prole são inatos – nas palavras de Hume, a natureza infundiu em todos os animais “o apetite geral entre os sexos” e “um similar preconceito a favor de sua prole” (E, “O céptico”, 162). Ainda mais interessante, Hume não teme a sexualidade das mulheres. Ao contrário, deleita-se nela e chega a pausar, no texto, para refletir sobre a infelicidade da impotência:

Quanto escárnio e desdém, por parte de ambos os sexos, acompanham a *impotência*! O infeliz indivíduo é visto como privado de um prazer essencial na vida e, ao mesmo tempo, incapaz de proporcioná-lo a outros (EPM 6.27).

Em seu progresso, Hume desenha círculos dentro de círculos do pertencimento de mulheres corpóreas e situadas: sexo, amor, família, nação, lugar, tempo e humanidade.

4 Gênero: traços femininos

Se tomamos corporeidade e diferença sexual, de um lado, e condições sociais ou situação, de outro, sempre encontraremos “gênero” no texto de Hume – um texto livre da dicotomia entre natureza e cultura.

A ênfase, em várias passagens, está na diferença. Os principais traços das mulheres são suavidade (*softness*) e ternura (i). Falta-lhes força “para os extenuantes esforços da filosofia mais abstrusa” (note-se que, em Hume, a expressão “filosofia mais abstrusa” nunca escapa de uma certa ambivalência, quando não de uma franca suspeita), elas têm corações ternos, ao ponto de serem mais propensas do que os homens à simpatia (mesmo por ladrões, se belos); elas amam a intriga e romance, e são fisicamente inferiores aos homens. Na maior parte da vezes, aparecem sob uma luz favorável e sob apreciação positiva no texto. São elas as estudantes eleitas da história (que é, afinal, o grande laboratório da ciência do homem), as senhoras do gosto, as soberanas do mundo da conversação.

Diferença, quando existe, não impede igualdade. Em uma passagem eloquente, Hume diz:

Essa é claramente a situação dos seres humanos ante os animais [têm a obrigação humanitária de tratá-los com brandura], e deixo a outros a tarefa de determinar em que medida pode-se dizer que estes são dotados de razão. A grande superioridade dos europeus civilizados em relação aos índios selvagens inclinou-nos a imaginar que estamos perante eles em idêntica situação e fez que nos desembaraçássemos de todas as restrições derivadas da justiça e mesmo de considerações humanitárias em nosso trato com eles. Em muitas nações, os membros do sexo feminino estão reduzidos a uma condição próxima da escravidão e não podem ter nenhuma propriedade, ao contrário de seus senhores. Mas, embora os indivíduos do sexo masculino, quando aliados, tenham em todos os países força corporal suficiente para manter essa severa tirania, são tais as insinuações, langores e encantos de suas belas companheiras que as mulheres são geralmente capazes de romper essa aliança e compartilhar com o outro sexo de todos os direitos e privilégios da sociedade (EPM 3.19).

Como podemos ver, a especificidade de gênero “nas insinuações, langores e encantos” (*insinuation, address, and charms*) não é aqui percebida como condenável; na verdade, estes traços servem bem como meios aos fins desejados. Eu arriscaria mesmo a dizer que são preferíveis a outros meios (por exemplo, os fisicamente violentos), pois repousam em qualidades admiradas por Hume, as qualidades que devem ser parte da sociedade polida e iluminada de seus sonhos.

5 Conceitos

Hume, provavelmente muito mais do que a maioria dos filósofos, recorre a metáforas femininas para designar conceitos centrais de seu pensamento. A virtude, para ele, é uma mulher – delicada, caridosa, afável e mesmo alegre:

Mas quais verdades filosóficas poderiam ser mais vantajosas à sociedade do que as que aqui apresentamos, que representam a virtude com todos os seus mais genuínos e atraentes encantos e fazem-nos aproximar dela com desembaraço, familiaridade e afeto? Caem por terra as lúgubres roupagens com as quais muitos teólogos e alguns filósofos a cobriam, e o que surge à vista é apenas gentileza,

humanidade, bondade, e até mesmo, a intervalos apropriados, divertimento, júbilo e alegria. Ela não fala de inúteis rigores e austeridades, sofrimentos e abnegações. Ela declara que seu único propósito é fazer que seus adeptos e toda a humanidade se tornem alegres e felizes em todos os momentos de sua existência; e não descarta voluntariamente nenhum prazer a não ser com a perspectiva de uma ampla compensação em algum outro período de sua vida. O único esforço que ela demanda é o de um cálculo correto e uma firme preferência por um máximo de felicidade. E se dela se aproximam austeros pretendentes, inimigos da alegria e do prazer, ela ou os rejeita como hipócritas e impostores ou, se chega a admiti-los em seu séquito, atribui-lhes um lugar entre os menos favorecidos de seus devotos (EPM 9.15).

Para além da metáfora, os conceitos mais fundamentais da filosofia de Hume assimilam as características relativas ao gênero feminino fundindo-as, ou as elevando a princípios gerais da natureza humana. Razão, simpatia e sentimento são exemplares. Conceitos acessórios também se espelham, com frequência, em qualidades femininas. Como exemplos, temos a modéstia, complacência, delicadeza e ternura. Similarmente à “confiança” como compreendida por Baier, todos compartilham desta origem terrena e mundana – a excelência da mulher, ou feminina.

Assim, no que concerne ao conteúdo conceitual, uma *primeira lição* da abordagem de Hume é a transgressão da imputação binária de traços de gênero, apagando a linha divisória tradicional que recita masculino e feminino como mesmo, outra, par, ímpar, sol, lua, luz, obscuridade, seco, úmida, ativo, passiva, mente, corpo, cultura, natureza, razão, paixão. Segundo Hume, na crença causal sobre questões de fato, a razão inclui o sentimento de determinação e necessidade na mente, que vem da formação de costume ou hábito na experiência de conjunção constante, e que é projetado no mundo na ideia de conexão necessária. Concomitantemente, os juízos de gosto, morais e estéticos, são expressões de sentimentos, mas sentimentos que agregam habilidades e operações racionais, reflexivas, cognitivas.

No *Tratado*, Hume observa que a “natureza humana se compõe de duas partes principais, requeridas para todas as suas ações, ou seja, os afetos e o entendimento” e que “podemos considerar separadamente os efeitos resultantes das operações de cada uma dessas duas partes que compõem a mente”. Logo, que “[p]ode-se conceder aos filósofos morais a mesma liberdade concedida aos filósofos naturais”, a saber, a liberdade de considerá-la, a natureza humana, “como composta e consistindo em duas partes separadas”, embora reconhecendo que, “em si mesmo, esse movimento é simples e indivisível” (THN, 3.2.2.14). Se a observação de Hume é verdadeira, a distinção entre o entendimento e as paixões limita-se a um dispositivo explanatório no estudo da filosofia moral. Por mais que uma descrição possa empregar a distinção instrumental entre a razão e as paixões, uma visão mais acurada reconhece sua artificialidade. E, das duas categorias, a segunda, isto é, as paixões, parece ser mais fundamental, pois elas são originais, enquanto as ideias, de que se ocupa a razão, são cópias.

Além de fusões transgressoras, tais como a acima citada entre paixão e razão, da qual resulta “sentimento”, encontramos no pensamento de Hume, como já notamos, a expansão de conceitos, antes restritos ao gênero feminino, a esferas mais amplas de domínio e significado. Hume diz da delicadeza do gosto: “A própria sensibilidade a estas belezas, ou um *refinamento* (*delicacy*) do gosto, já constitui por si só um belo traço em qualquer caráter, ao propiciar o mais

puro, o mais durável, e o mais inocente de todos os prazeres” (EPM 7.28). A modéstia, por seu turno, começa no comportamento casto feminino, mas se torna a virtude social que mitiga os excessos do orgulho (EPM 8, THN 3.3.2) e uma virtude filosófica que mitiga o dogmatismo.

Assim, a *segunda lição* de conteúdo, em uma perspectiva marcada por gênero, é que, se as qualidades de um gênero não de prevalecer, estão serão as femininas. Não há barreira impedindo a livre circulação das mulheres entre as esferas doméstica e pública. E, como sugerido, as virtudes femininas são especialmente apropriadas à civilização. Hume coloca as virtudes sociais acima das virtudes viris de um guerreiro. Na política, Hume recomenda brandura e moderação – assim incorporando boas maneiras à política. Na sociedade, Hume argumenta que a presença de mulheres e o livre intercuro entre os sexos permitem relações mais vívidas, polidas e refinadas. Finalmente, no nível pessoal, o alvo a se buscar, de acordo com Hume, são temperamentos suaves e mentes cultivadas.

Em uma paráfrase ligeiramente modificada, podemos dizer que, de Hume, é a época do sentimento e, sua, é a nação sentimental – do sentimento robusto, reflexivo, elaborado, sofisticado, ao mesmo tempo em que simples e natural; e do sentimento presidindo sobre a moral, a estética e o conhecimento. Consequentemente, quando há diferença de gênero operando na filosofia de Hume, ela opera, no mais das vezes, em favor das mulheres, concedendo-lhes eminência. Não, observem, de modo casual, mas em uma maneira sustentada por todo o rigor da análise e investigação.

6 Não gênero

De uma outra perspectiva, e esta seria a *terceira lição* de Hume, a categoria de gênero acaba por se mostrar desnecessária. Com isso, em um sentido, quero dizer que, em diversas passagens, Hume interessa-se mais por semelhanças do que por dessemelhanças. Nas famílias que concebe, não há distinção de propriedade. Suas mulheres, assim como seus homens, ambicionam o poder e, se frustradas por esposos demasiado estritos e dominadores, transformam-se em tiranas domésticas. No amor, devem ser companheiras, em uma relação de igualdade, onde a paixão, a amizade, a bondade e a ternura sexuais são cimentadas por interesses comuns e pelo interesse no bem-estar da prole. Hume diz:

O amor entre os sexos gera um contentamento e afeto muito distintos da satisfação de um apetite. A ternura pela sua prole, em todos os seres sensíveis, é usualmente capaz por si só de contrabalançar as mais fortes motivações do amor de si mesmo, e em nada depende dessa afecção. Que interesse pode ter em vista uma mãe amorosa que põe sua saúde a perder pelos cuidados infatigáveis com seu filho doente, e em seguida definha e morre de tristeza quando libertada, pela morte da criança, da escravidão imposta por esses cuidados? (EPM Appx. 2.9).

As mulheres são livres para governar no domínio público. Negar-lhes este direito é uma clara evidência de barbarismo:

But though positive law seems wanting among the French for the exclusion of females, the practice had taken place; and the rule was established beyond

controversy on some ancient as well as some modern precedents. During the first race of the monarchy, the Franks were so rude and barbarous a people, that they were incapable of submitting to a female reign; and in that period of their history there were frequent instances of kings advanced to royalty in prejudice of females, who were related to the crown by nearer degrees of consanguinity. These precedents, joined to like causes, had also established the male succession in the second race; and though the instances were neither so frequent nor so certain during that period, the principle of excluding the female line seems still to have prevailed, and to have directed the conduct of the nation (HofE 2.197).

Na mesma linha, quando Hume se acerca do sublime moral, que consiste na grandeza de espírito e dignidade de caráter, ele coloca lado a lado Alexandre Magno, Ajax, Vitélio e uma mulher, Medeia – cuja magnanimidade consiste no sentimento de autonomia e segurança em si mesma (EPM 7).

Esta espécie de “não gênero”, que desconstrói, ignora dicotomias, é especialmente visível na *História da Inglaterra*. As mulheres, não menos do que os homens, são protagonistas da história. E as qualidades e caráter dos atores geralmente não se apresentam com etiquetas de gênero. Tantos reis perdem-se por suas afeições e temperamentos demasiado brandos, quantos por temperamentos impulsivos e violentos; tantos por seu amor imoderado da glória, quantos por sua fraqueza e indecisão; tantos por espíritos delicados, sensíveis e clementes, quantos por leviandade e capricho. A valentia das mulheres pode se mostrar tanto no campo de batalha e no parlamento, quanto no submisso ato de se ajoelhar e implorar por uma boa causa. Uma personagem pode ao mesmo tempo possuir coragem e benevolência, vigilância e afabilidade. Assim, Hume apaga a presumida especificidade de gênero nas paixões e disposições humanas.

Em um outro sentido, “não gênero” alude ao fato de que a ciência de Hume aspira ao conhecimento da humanidade em geral. Acima e além das diferenças, aspira a determinar uma comunalidade inclusiva de todos os seres humanos, extensiva a todos os seres sensíveis. E, ainda em um outro sentido, que pretendo sugerir adiante, na conclusão deste ensaio, a exaltação do feminino, de certo modo, marca a abolição utópica do gênero.

Para Hume, os seres humanos concordam em certas preferências e distinções. Sem isso, por exemplo, a linguagem não seria compreensível, a tradução seria impossível. Hume admite que participamos mais prontamente nos sentimentos que se assemelham aos nossos próprios. Mas este não é, para ele, um limite intransponível. Em suas palavras: “Nenhuma paixão, quando bem representada, pode ser-nos inteiramente indiferente, porque não há nenhuma da qual cada pessoa já não tenha dentro de si pelo menos as sementes e os primeiros princípios” (EPM 5.30).

Todos temos uma propensão à simpatia, mesmo que em grau ínfimo. Pela simpatia somos suscetíveis às emoções de outras pessoas; a simpatia estende nosso interesse além de nosso círculo imediato de relações; ela causa a benevolência, a compaixão e outras virtudes sociais; e, por conseguinte, é uma causa de nossa existência mesma em sociedade, uma vez que a fonte das relações sociais reside em paixões compartilhadas. A simpatia cria a sociedade estabelecendo laços afetivos, padrões de comportamento, experiências e conceitos compartilhados por seus membros. Uma operação natural da mente humana, ela é igualmente uma condição necessária da moral. Os sentimentos morais da aprovação dependem da simpatia isenta das flutuações

devidas à proximidade e à distância. E isso nós alcançamos ao assumirmos pontos de vista gerais, em que assumimos posições imaginativas próximas a um indivíduo e às pessoas que o cercam, para sentirmos, pela simpatia, os efeitos de suas ações sobre elas. O prazer que ele causa induz nossa aprovação, e a dor induz a desaprovação. Em nossas distinções morais, alcançamos um padrão comum através de trocas sentimentais – estas, em princípio, independem de gênero. Em resumo, a moral vem “de um sentido interno que a natureza fez universal na espécie inteira”.

7 Utopias

Este ensaio começou em uma lembrança das contribuições do pensamento feminista. Um efeito curioso desse movimento foi a produção de romances utópicos e distópicos. Interessantemente, o gênero literário data pelo menos do início da modernidade. Naquele período, profeministas contribuiriam à literatura com tratados sobre a instrução das mulheres, ou com romances sobre sua condição. Dois exemplos destes últimos estão nas obras de Margaret Cavendish e Sarah Fielding. De Sarah Fielding, temos *The Governess; or, Little Female Academy*, uma pastoral onde as jovens alunas, em suas conversas, contam histórias imaginadas ou suas próprias histórias e, juntas, avançam no caminho da virtude, ensinam e aprendem a bondade e o reto governo sobre as paixões. Elas estão no processo de se cultivarem como exemplos para todas as mulheres. Em *The Adventures of David Simple* e sua continuação, Fielding contempla um plano mais ambicioso: uma sociedade utópica, na qual laços de amor e amizade reúnem dois casais (David e Camilla, Cynthia e Valentine), um de seus pais, e seus filhos. Tudo é compartilhado nesta sociedade feliz, governada pela confiança mútua, pela ternura e pelo altruísmo. O pequeno círculo é incorruptível. Seus princípios sobrevivem a várias provações (pobreza, doença, separação) antes de sua derrocada final. O círculo se desfaz sob a forte pressão externa, vinda de um mundo cheio de inveja, perfídia, indiferença. O custo é altíssimo: a vida de quase todos. Fielding cria um nicho utópico ameaçado pelas forças destrutivas da sociedade mais ampla, que é distópica. Há sofrimento real em *David Simple*; há mesmo tragédia. Mas na narrativa moral de Fielding pode-se antever uma sociedade, no porvir, onde as virtudes ternas e femininas governam homens e mulheres, igualmente.³

Quando penso em Margaret Cavendish, recordo-me de que, não satisfeita com um aposento só seu, ela cria para si *The Blazing World*.⁴ Neste conto fantástico, uma mulher levada, por acidente, deste a um outro mundo é conduzida ao imperador, que a desposa e lhe confere “poder absoluto para reger e governar esse mundo como lhe aprouver” (BW 132). Ela se revela uma “Blazing” Imperatriz. Dotada de espírito generoso e sagaz, governa sabiamente, comanda investigações científicas em todas as matérias e é a juíza suprema de seus resultados, que parecem às vezes inconsequentes, ou contraditórios e, sempre, ligeiramente estranhos. Elimina

³ Cf. Sarah Fielding, *The Governess; or, Little Female Academy* (U.S.A., Hard Press); *The Adventures of David Simple and Volume the Last*, ed. Peter Sabor (Lexington, The University of Kentucky Press, 1998).

⁴ Cf. Margaret Cavendish, *The Blazing World & Other Writings*, ed. Kate Lilley (London, Penguin Books, 1994), em referências futuras, BW.

um campo de pesquisa inteiro na matemática, salva os oradores dos discursos grandiloquentes, mas vazios, e confina os lógicos a limites bastante estreitos. Debate fluentemente a teologia com seres espirituais e, quando seu Velho Mundo está sob ataque, alça velas e derrota seus inimigos em combate naval. Na conclusão do livro, tendo se aproximado de Cavendish, diz-lhe que ela, também, pode reinar absoluta sobre um mundo de sua criação. Esta espirituosa fantasia subverte todas as convenções de gênero, provocando um estado de perplexidade, confusão e, claro, grande divertimento no leitor.

Não possuo evidência de que Hume tenha lido as obras destas escritoras. Provavelmente, não as leu. Mas, se consideramos seu gosto literário, é certo que teria rido um tanto e pensado uma ou duas ideias arteiras, diante do conto fantástico de Cavendish, e que se emocionaria com a ternura de Fielding. A primeira iria lembrá-lo das mulheres não tão modestas, mas intrigantes, que conhecia (Alison Cockburn!). O mundo imaginário da última é similar ao seu próprio mundo real, como deve lhe ter aparecido, ora em suas disposições otimistas, ora nas céticas.

Hume não fala do homem como o ser humano universal. Não escolhe a faculdade da razão como a qualidade humana essencial e específica. Não atribui um papel subordinado às mulheres. Põe-se acima dos humilhantes estereótipos que tanto indignaram as feministas do século XX. Abraça a diversidade e rejeita o dualismo. Quando se mantém dentro dos confins da diferença de gênero, favorece o gênero feminino, por suas qualidades mais "humanas" (*humane*). Quando transgride estes limites, considerando ser uma impressão da reflexão, ou sentimento, a causa determinante do conhecimento, moral e estética, e, portanto, tornando a razão, por assim dizer, em "escrava das paixões", exalta, mais uma vez, o que se costumava predicar do gênero feminino. E quando elimina gênero por completo, falando da e para toda a humanidade, descobrindo traços comuns a todos, podemos dizer que põe o acento nas afeições femininas, mais suaves e mais ternas. A aprovação moral é uma terna simpatia com os outros, um generoso cuidado com os de nosso tipo e espécie. É uma espécie de amor e de estima. A primeira das virtudes sociais, a benevolência, Hume descreve como terna e humana. E as virtudes sociais, na *Investigação*, trazem ordem à sociedade, felicidade à família e à humanidade, apoio mútuo entre amigos e um delicado domínio sobre os corações dos homens.

Enfim, eu gostaria, neste parágrafo de conclusão, de acrescentar um outro membro à lista de utopistas feministas – o de Hume. Sua utopia, como já insinuada: ternura; sua fonte principal? Passagens sobre a justiça, onde contempla cenários que tornariam sua prática desnecessária. Se a natureza fosse abundante e providente, não haveria nenhuma necessidade de se distinguir entre "o meu e o seu". Ou, então, se a natureza humana fosse somente ternura e cuidado pelos outros, tampouco haveria necessidade da distinção. Fora da utopia, como mostra o exemplo da benevolência, a ternura encontra-se em tudo que importa para Hume. Encontra-se implícita até

mesmo nos princípios fundadores de sua filosofia, pois bem podemos perguntar: como pode alguém ser receptivo a impressões e ideias, e responsivo a elas, se não for dotado de ternura?⁵

⁵ Este artigo resulta de um projeto de pesquisa apoiado pelo Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Brasil.